



FOTOS: JESKO VON PUTTMAKER

Entre os Txicão (acima) ou Marubo, a máquina de Puttmaker

CULTURA

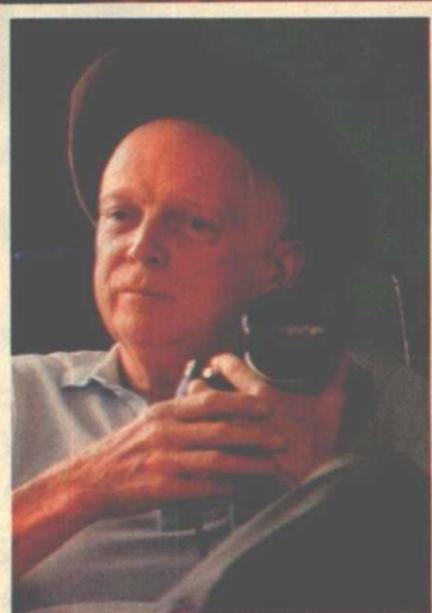
O caçador de selvagens

Em Goiânia, um extraordinário acervo fotográfico sobre o índio brasileiro, acumulado ao longo de 35 anos pelo paciente Jesko von Puttmaker

É como um mapa do tesouro. Empilhados na arca, mais de 100 mil slides, 40 mil fotos em preto e branco, 3.400 horas de filmes – onde está documentado o dia-a-dia dos Txicão, Marubo, Sarui, Nambiquara, Txucarramãe, Karajá. O dono da arca, Jesko von Puttmaker, carioca de 64 anos, passou 35 anos de sua vida para recolher todas essas preciosidades, 20 deles literalmente no meio do mato. E agora Jesko vai abrir seu fantástico arquivo sobre o índio brasileiro para o Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da Universidade Católica de Goiás – com o apoio

do MEC, seu material vai ser a base de um curso inédito, a antropologia visual. Para isso este filho de alemães não só fez a doação do seu incalculável acervo fotográfico como vendeu 50 hectares de terra que possuía na zona urbana de Goiânia, para manter uma fundação com seu nome, dedicada a catalogar, conservar e estudar esse material.

A história de Jesko começou em 1948, quando, a convite do governador goiano Jerônimo Coimbra, acompanhou como intérprete o rei Alberto, da Baviera, numa visita às aldeias indígenas do Xingu. Filho de um mineralogista que havia deixado



MILTON GURAN/AGL

o Rio nos anos 30 para se instalar numa fazenda do Triângulo Mineiro, Jesko tinha acabado de voltar da Alemanha, para onde tinha ido estudar história natural e receber uma herança. Mas, com a eclosão da guerra, abandonou o curso, ficou sem a herança e, de quebra, levou dois anos de cadeia por se recusar a entrar nas fileiras dos exércitos alemães, alegando sua cidadania brasileira. Mas, antes desse primeiro encontro com o que seria sua futura paixão – o dia-a-dia dos índios –, Jesko passou algum tempo fotografando como *free-lancer* na Alemanha. Entre



Nambiquaras caçando...



... criança Sarui...



... Txucarramãe no posto

outras coisas, cobriu o julgamento de Nuremberg para a jornalista Erka Mann, filha do escritor Thomas Mann. Sua paciência fotográfica, porém, estava reservada para um objeto menos notório que os criminosos do nazismo: “Logo no começo eu vi que não adiantava a gente pedir para os índios representarem uma cena, um momento, uma cerimônia. Era preciso esperar e fotografar as coisas na hora exata em que estivessem acontecendo”. E Jesko sintonizou seu tempo com o dos seus modelos: só no Posto Diauarum, Xingu, ele viveu oito anos esperando pelo momento certo do clique.

“Os índios são pessoas fabulosas”, diz este fotógrafo que participou da atração de muitas tribos e conviveu de perto com os mais importantes sertanistas, como os irmãos Vilas-Boas, Francisco Meirelles, Noel Nutels e Apoena Meirelles. Aprendeu logo que era proibido demonstrar preocupação ou medo: “Quanto mais alegre você for, mais fácil fica de se entender com eles”. Jesko, que se recusa a comentar política indigenista (“Falo das coisas que observei, não de política”), é um especialista na matéria. Captou em sua máquina cenas raras, como uma índia dando à luz numa praia, um grupo de índios capturando uma sucuri de 9,5 metros e a reação de uma tribo Suiá diante de um eclipse lunar. “Eles ficaram muito tempo bravos, porque achavam que o eclipse era um tatu comendo a lua.” Sobre a vida no mato e a convivência pacífica com os indígenas, arrisca alguns conselhos: “Eu sei mexer as orelhas e a ponta do nariz, e eles sempre acham isso o máximo”.

O único perigo, afirma, é se perder. Nada de se assustar com barulhos ou feras: “Hoje eu dou risada quando lembro que no começo atirava para espantar onça”. Parte deste aprendizado de Jesko ficou registrada em fotos que viraram cartões-postais da Funai. Outra parte foi para a BBC de Londres, numa série de sete documentários de meia hora cada, no Posto Leonardo, da Funai, sobre a aproximação da tribo Suiá. E seu trabalho sempre foi feito com calma: só na filmagem do primeiro contato com os índios Cinta-Larga, Jesko consumiu dois anos e 30 mil slides. Agora, com seu acervo à disposição do público, este solitário caçador de tesouros se prepara para mais uma aventura: em julho, embarca para Rondônia, para conquistar com sua máquina viajadeira alguns representantes dos Uru e Wau-Wau.

Gilnei Rampazzo▲